

Minas Gerais: Índices de Casamento da População Livre e Escrava na Comarca do Rio das Mortes

GILBERTO GUERZONI FILHO
LUIZ ROBERTO NETTO(*)

Resumo

Este artigo analisa os índices de casamento da população livre e escrava na Comarca do Rio das Mortes em Minas Gerais no ano de 1831. A fonte documental utilizada foi o recenseamento geral desse mesmo ano, para Minas Gerais, que permitiu a reconstituição desses dados. Os resultados obtidos são pouco usuais, na medida em que mostram uma frequência de casamentos entre a população livre de aproximadamente 50% e entre a população escrava de aproximadamente 30%. A intenção é analisar os casamentos legítimos, isto é, aqueles celebrados perante a Igreja Católica, vertente ainda pouco explorada pelos estudiosos do passado brasileiro.

Palavras-chave: casamento católico, população livre, população escrava.

Abstract

This article intends to analyse the data concerning to the free and slave population in the Comarca do Rio das Mortes in the area of Minas Gerais during the year of 1831. The principal source used was the general census in this specific year. That permits the reconstitution of this data. The results obtained are unusual, as far as they show the frequency of marriage among the free population around 50% and among the slaves around 30%. The intention of this analysis is to contribute to the studies of the legitimate unions e.g., those celebrated by the Catholic Church, subject few explored by the researchers of the Brazilian past.

Key words: catholic marriage, free population, slave population.

A estrutura da família, no estudo do passado brasileiro, coloca-se na atualidade como uma das questões mais latentes na representação da história

Os autores são, respectivamente, Professor Assistente do Departamento de História da UFOP e aluno de pós-graduação do Departamento de História da USP; Aluno de pós-graduação do Departamento de História da USP e bolsista do CNPq.

(*) Os autores deixam aqui registrado seu agradecimento à Profa. Clotilde Andrade Paiva do CEDEPLAR/FACE/UFMG pela cessão dos dados utilizados no presente trabalho e que fazem parte do projeto *População de Minas Gerais no século XIX*, ora em desenvolvimento sob sua coordenação.

da família. O casamento, por sua vez, em face do desenvolvimento desses estudos, interpõe-se como uma questão aberta a discussões tanto de ordem qualitativa como quantitativa.

O presente trabalho, preliminar em uma pesquisa que pretende abranger a totalidade das Comarcas mineiras levantadas através dos registros do Censo Paroquial de 1831⁽¹⁾ objetiva determinar, através de dados quantitativos, aspectos relativos aos enlaces matrimoniais⁽²⁾, conforme registrado no censo regional do atual Estado de Minas Gerais, especificamente o sudoeste deste, na antiga Comarca do Rio das Mortes, representada por seus dois maiores termos: Baependi e São João del Rey.

Nosso intuito, frente à análise dos dados, é verificar a tendência dos índices elevados de casamento entre a população escrava, tendo como base analítica comparativa o trabalho de Costa e Gutiérrez sobre o casamento de escravos em São Paulo e no Paraná em 1831 (COSTA & GUTIÉRREZ, 1984)⁽³⁾.

Esta análise, de fundamental importância ao delinear a estrutura familiar da população escrava, faz frente a uma série de questionamentos relacionados à união formal dessa população nas inferências usualmente feitas pela historiografia da família sobre a realidade do matrimônio no passado brasileiro antes do advento da República e que afirma a baixa taxa de nupcialidade entre a população em geral e especialmente entre a população escrava.

Essas inferências são feitas principalmente no tocante à questão formal do casamento, envolvendo toda a documentação exigida pela igreja e incluindo desde as despesas para as dispensas dos impedimentos canônicos até as questões de disponibilidade de venda dos escravos, relacionadas com a norma de comportamento que impedia a separação dos mesmos após o casamento⁽⁴⁾.

Por outro lado, vamos esboçar uma análise sobre a questão do matrimônio também quanto à população livre, pretendendo retratar para o período um quadro geral dos índices de nupcialidade.

Algumas informações se fazem necessárias ao iniciarmos o trabalho. Em primeiro lugar, os dados por nós utilizados referem-se a aproximadamente 40.000 indivíduos integrantes de um universo populacional de cerca de 200.000

(1) Arquivo Público Mineiro. Mapas de população. Pastas 1-14 (manusc.). Este material, já organizado informaticamente pela Profa. Clotilde de Andrade Paiva foi processado utilizando-se o *Statistical Package for the Social Science (SPSS)* – versão 9.

(2) Não há como verificar se as pessoas declaradas casadas no censo tiveram a sua união sacramentada pela Igreja Católica, ainda que isto seja, a nosso ver, o mais possível.

(3) Em aspecto similar podem ser consultados: COSTA, SLENES & SCHWARTZ (1987) e SLENES (1987).

(4) Conferir em SILVA (1984) e em SAMARA (1983 e 1988).

“almas”, segundo Saint-Hilaire (1974, p. 106), 213.617 habitantes, de acordo com Eschwege (1899) ou 194.767 para Cunha Matos (1981, v. 1, p. 215)⁽⁵⁾. Isto representa uma amostragem de aproximadamente um quinto da população da Comarca do Rio das Mortes.

Em segundo lugar, no período em questão, esta Comarca representava a mais importante região produtora de gêneros da Província. Conforme Saint-Hilaire:

“Outrora a Comarca produziu muito ouro, mas hoje, é à agricultura e principalmente à pecuária que se dedicam os habitantes da região, favorecidos pela vantagem de serem vizinhos da província do Rio de Janeiro e de poderem exportar facilmente os seus produtos. Uma grande parte do gado e dos porcos que se consomem na capital do país vão da comarca de São João e principalmente da região do Rio Verde. A comarca de São João del Rey fornece aos habitantes do Rio de Janeiro prodigiosa quantidade de toucinho e de queijos, algodão em rama, tecidos grosseiros de algodão, carneiros, cabras, açúcar, couros, enfim, o fumo produzido no termo de Santa Maria de Baependi” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 106).

Finalmente nossa abordagem para análise dos dados pautar-se-á na preocupação derivada das uniões institucionalizadas pela Igreja Católica entre a população livre e entre a população escrava; neste sentido, será abordado o desenvolvimento dessa forma de união usualmente tida como pouco freqüente devido às dificuldades institucionais para sua realização.

Assim, o objetivo do presente trabalho limita-se ao levantamento e análise do índice de nupcialidade desta população, aqui entendido como a porcentagem de indivíduos registrados como casados no censo. Será enfatizada a população escrava, mas é indispensável a utilização dos dados relativos à população livre como parâmetro comparativo do comportamento dos dois grupos.

É preciso explicitar que este objetivo, efetivamente, define o trabalho como um estudo exploratório inicial, visando levantar questões que merecem ser verticalizadas.

A escolha das vilas e seus termos como universo de análise deveu-se ao fato de apresentarem, dos dados existentes, as duas maiores populações escravas da Província. Baependi reunia 7.935 escravos em uma população levantada de 19.672 habitantes, enquanto São João del Rey agrupava 7.339 escravos num total de 20.730 habitantes. A população compunha-se também de 327

(5) Dados recalculados.

forros em Baependi e 469 em São João del Rey, estando ainda distribuída em brancos, pardos (livres, escravos e forros) e negros (escravos e forros).

É importante registrar a significância destes dados. Segundo Cunha Matos, baseado em informações do mesmo Censo de 1831, a população total de Baependi chegava a 29.350 habitantes e a de São João del Rey a 44.354 (MATOS, 1981, v. 1, p. 121-122 e 153-154)⁽⁶⁾. A representatividade da amostra utilizada fica também evidente quando se observa, através dos dados do censo, que o comportamento da população de ambas as vilas é quase idêntico relativamente aos índices de nupcialidade. Além disso, é possível observar, nos dados levantados, uma concordância com o registrado por Saint-Hilaire sobre a distribuição étnica desta população (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 106).

Optamos por desconsiderar a população de forros por duas razões. Primeiro, pela sua pequena magnitude (menos de 2% da população total) e, mais importante, pelo fato deste segmento possuir uma série de especificidades que regularam sua conduta social e determinaram alguns de seus comportamentos (GUIMARÃES, 1986), exigindo estudos que ultrapassem os objetivos do presente trabalho. Isto evidencia-se, por exemplo, no índice de nupcialidade desta população que é ainda mais alto que o da população livre; na sua razão de masculinidade que é equilibrada, ao contrário da população escrava; e na sua distribuição etária, pois trata-se de um segmento cuja média de idade é bem mais elevada (mais de metade possui idade superior a 30 anos).

Outro corte refere-se à faixa etária. Trabalharemos aqui com a população maior de 12 anos. Este número corresponde ao corte usado tradicionalmente nas estatísticas do século XIX para identificar o estado conjugal dos indivíduos.

Na população com idade superior a 12 anos, dos termos de São João del Rey e Baependi, observamos um equilíbrio numérico entre homens e mulheres no universo da população livre. Isto significa, dentro do contexto populacional, uma relação de aproximadamente um homem para cada mulher; já na população escrava, os dados indicam um desequilíbrio pendendo para um maior número de homens tanto em Baependi quanto em São João del Rey⁽⁷⁾. Infelizmente, nossos dados não permitiram resgatar os registros referentes aos números de escravos e a razão de masculinidade por plantel, fato observado e desenvolvido por Robert Slenes⁽⁸⁾.

(6) Dados recalculados.

(7) Segundo CONRAD (1985, p. 17-18), a razão de masculinidade da população escrava mineira, a partir de um censo de 1786, que abrangeu grande parte da região mineradora, é ligeiramente superior (2:1) àquela por nós encontrada no censo de 1831, que foi, em média, 1,8:1. Ainda segundo CONRAD "a escassez de mulheres que em algumas regiões do Brasil perdurou até o final da escravidão, era claramente o resultado da preponderância masculina dos navios negreiros, e foi causada sucessivamente por uma maior demanda de homens nas plantagens" (CONRAD, 1985, p.19).

(8) SLENES (1987) utilizou listas nominativas da matrícula de escravos o que lhe ofereceu como fator

A observação relativa à hipótese das uniões institucionalizadas nas populações livre e escrava indica altos índices de nupcialidade para ambas: aproximadamente um terço para a escrava e dois terços para a livre. Esta última mostra diferenças insignificantes neste índice para os dois sexos. Por outro lado, constata-se a existência de grande diferença no índice de nupcialidade entre a população escrava masculina e feminina, que atinge um quarto do contingente masculino e aproximadamente metade do feminino. Possivelmente estes dados são fortemente influenciados pela alta razão de masculinidade da população escrava (ver tabelas 1 e 2).

TABELA 1

ESCRAVOS E LIVRES SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL EM PORCENTAGEM E EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO DE 12 ANOS OU MAIS

Estado Conjugal	Escravos		Livres	
	Baependi	S. João del Rey	Baependi	S. João del Rey
Solteiro	64,6	66,0	41,5	37,5
Casado	34,2	32,0	52,8	55,8
Viúvo	1,2	2,0	5,7	6,7
Pop. Total	5.687	5.575	5.644	4.098

Fonte: Dados originais extraídos de PAIVA (em andamento).

Estabelecida a condição da população e sua cor de pele, a análise dos dados permitiu-nos observar que há diferenças marcantes nos índices de nupcialidade entre pardos e negros escravos. Neste particular o índice atinge um terço dos negros e apenas um quinto dos pardos. Na população livre consta-

de análise, a dimensão dos plantéis. Com estes dados, uma série de informações, cujo acesso não nos foi possível, determinaram diferenças básicas entre plantéis pequenos, com 1 a 9 escravos, e plantéis médios e grandes com 10 pessoas ou mais. Essas diferenças baseiam-se nos índices da população "alguma vez casada", que apontam desigualdades muito grandes, especialmente na população feminina: "a diferença é especialmente marcada no caso do sexo feminino: 26 por cento das mulheres acima de 15 anos são casadas ou viúvas nos plantéis pequenos, e 67 por cento nos médios e grandes" (SLENES, 1987, p.1).

TABELA 2

CASADOS E VIÚVOS EM PORCENTAGEM POR SEXO E
CONDIÇÃO SOCIAL E RAZÕES DE MASCULINIDADE EM RELAÇÃO
À POPULAÇÃO DE 12 ANOS OU MAIS

Sexo	Escravos		Livres	
	Baependi	S. João del Rey	Baependi	S. João del Rey
Homens	28,4	27,2	55,1	62,7
Mulheres	46,9	46,8	61,8	62,3
Razão de masculinidade	165,4	189,6	100,7	109,7
Pop. Total	2.009	1.896	3.336	2.556

Fonte: Dados originais extraídos de PAIVA (em andamento).

tamos que não há diferenças significantes entre brancos e pardos (ver tabela 3).

Considerando-se a população distribuída por faixas etárias, verifica-se que os índices de nupcialidade são mais altos que os obtidos para São Paulo e Paraná por Iraci Costa e Horacio Gutiérrez⁽⁹⁾, bem como que o comportamento das populações dos dois termos é similar tanto para os livres como para os escravos (grafico 1). É possível visualizar no referido gráfico que na faixa de 31-50 anos⁽¹⁰⁾ o índice de nupcialidade da população escrava é superior a

(9) Os índices de nupcialidade para a população escrava obtidos na região de São Paulo e Paraná por COSTA & GUTIÉRREZ (1984), são respectivamente, 24,1% e 20,4%. CONRAD apresenta índice de nupcialidade de 11% na população escrava na região do atual Estado do Espírito Santo, em 1856, o que, segundo ele, significa um quadro mais representativo desses índices no Brasil; na região do atual Estado do Maranhão "*segundo estatísticas de 1798 e 1822, mais de 30% da população escrava era casada (...) 'em São Paulo' igualmente incomum era o número comparativamente elevado de escravos casados ou viúvos na Província no último ano da escravidão – um total de 26%*" (CONRAD, 1987, p.21). Em documentação compulsada no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, observamos em Livros de Registros de batismos de filhos de mulheres escravas das freguesias de Barbacena, Barão de Cocais e Bacalhau, envolvendo o período de 1871 a 1888, uma série de informações, dentre as quais a de legitimidade dessas crianças. Esta observação propiciou-nos um índice de nupcialidade, em média, de 33,8% na população de mulheres escravas. (Registramos aqui agradecimentos aos universitários Cecília Maria Fontes Figueiredo e Ricardo Arreguy Maia do curso de História do ICHS-UFP pelo levantamento destes dados).

(10) É importante observar que a análise dos índices da população escrava maior de 50 anos fica prejudicada pela pouca significância deste segmento: menos de 3% da população escrava total.

TABELA 3

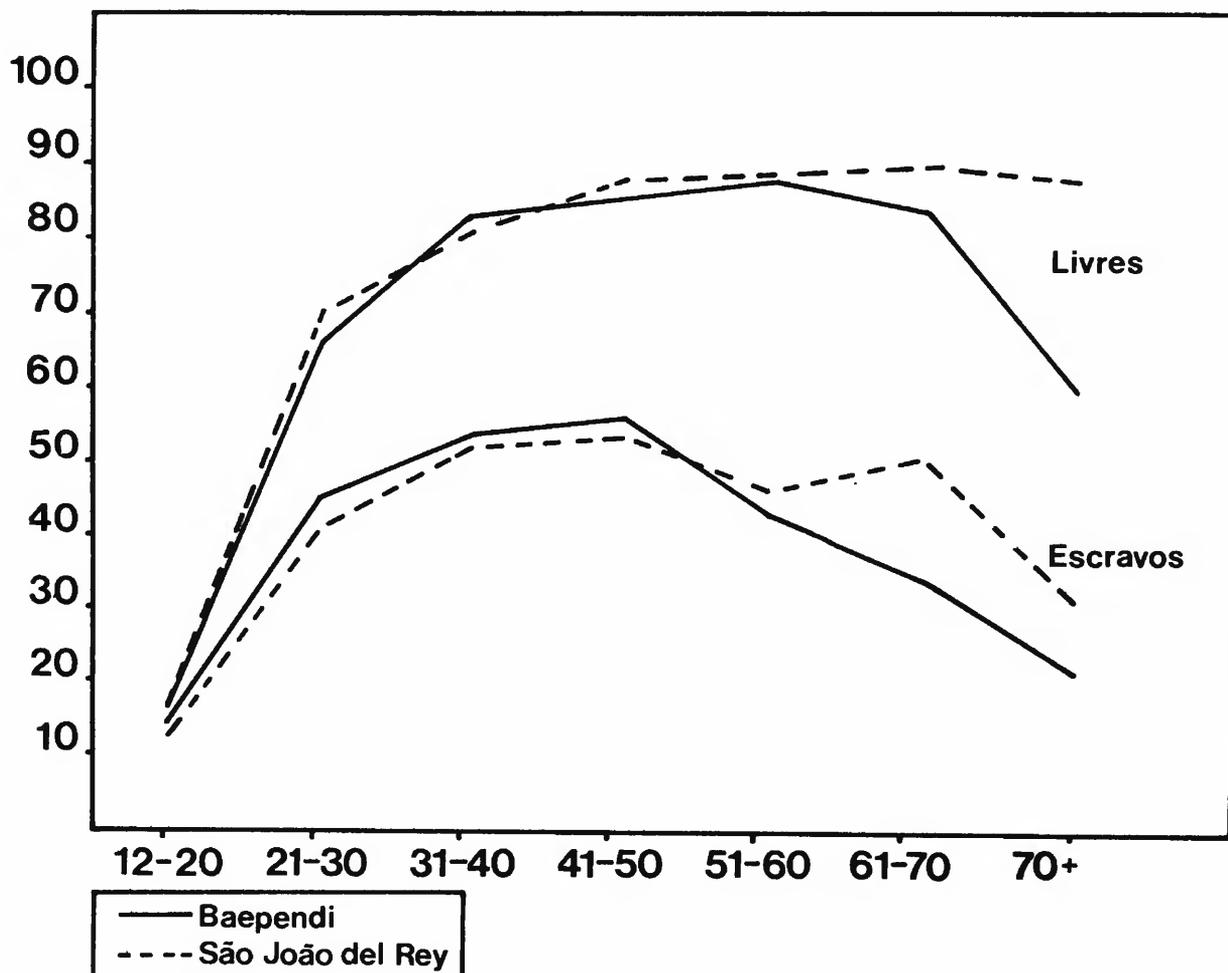
ESTADO CONJUGAL SEGUNDO CONDIÇÃO SOCIAL E COR RELATIVOS À POPULAÇÃO DE 12 ANOS OU MAIS
(em porcentagem)

Estado Conjugal	Escravo Preto			Escravo Pardo			Livre Pardo			Branco		
	Baependi	S. João del Rey	Baependi	S. João del Rey	Baependi	S. João del Rey	Baependi	S. João del Rey	Baependi	S. João del Rey	Baependi	S. João del Rey
Solteiro	64,0	65,2	76,1	79,8	45,9	39,2	40,1	37,3				
Casado	34,9	32,7	22,1	19,2	48,9	53,6	54,6	56,3				
Viúvo	1,1	2,1	1,8	1,0	5,2	7,2	5,3	6,4				
Pop. Total	5.356	5.283	331	292	1.396	651	4.248	3.447				

Fonte: Dados originais extraídos de PAIVA (em andamento).

GRÁFICO 1

PORCENTAGEM DE CASADOS E VIÚVOS
SEGUNDO CONDIÇÃO SOCIAL E FAIXAS ETÁRIAS



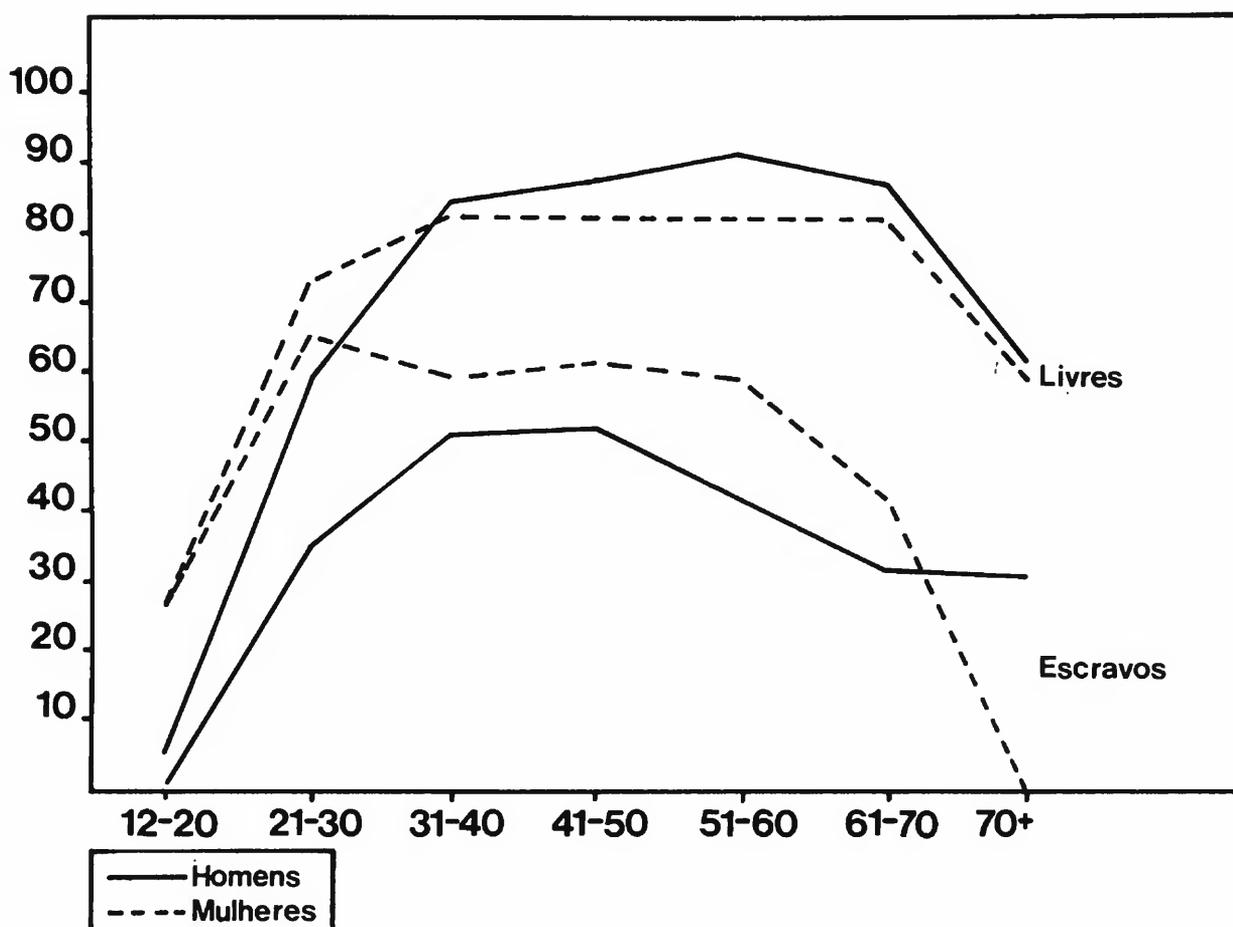
Fonte: Dados originais extraídos de PAIVA (em andamento).

50%, ao passo que na população livre maior de 31 anos esse índice é superior a 80% (excetuando a população de Baependi com mais de 70 anos).

Quando separamos a população masculina e feminina verificamos que: a) permanece a discrepância nos índices de nupcialidade entre a população livre e escrava de ambos os sexos; b) os índices de nupcialidade das mulheres escravas são superiores aos dos homens, chegando a atingir cerca de dois terços na faixa de 21 a 50 anos. Em contrapartida, entre a população livre as mulheres com idade superior a 30 anos apresentam índices inferiores aos dos homens (gráficos 2 e 3).

Em suma, os índices de nupcialidade encontrados entre a população es-

GRÁFICO 2

PORCENTAGEM DE CASADOS E VIÚVOS SEGUNDO
CONDIÇÃO SOCIAL, SEXO E FAIXAS ETÁRIAS EM BAEPENDI

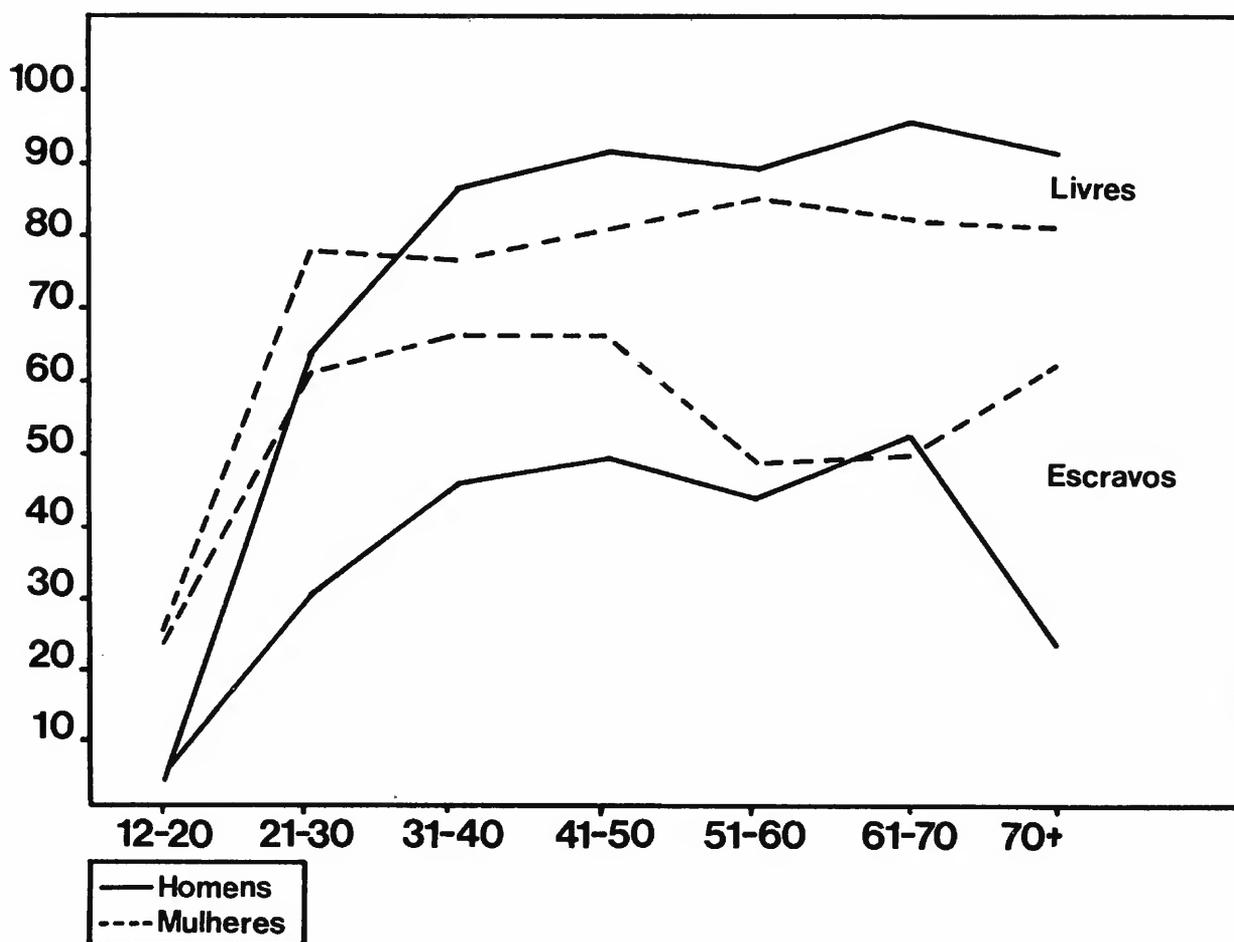
Fonte: Dados originais extraídos de PAIVA (em andamento).

crava e a população livre na região da Comarca do Rio das Mortes, em Minas Gerais, acompanham a tendência de um alto índice apresentado no trabalho de Costa e Gutiérrez, relativo a São Paulo e Paraná em 1830.

Estas constatações permitem recolocar a questão do casamento como norma para a institucionalização das relações sociais, procedimento este que já vinha sendo revisto pela historiografia atual. Outrossim, faz-se necessário a ampliação de estudos regionalizados sobre este tema específico no intuito de ampliar-se o conhecimento fundamental ao mesmo, principalmente em relação aos índices de casamento entre escravos, onde observamos que um terço da população acima de 12 anos era casada ou viúva. Da mesma maneira, os altos valores da razão de masculinidade nesta população indicariam o porquê de aproximadamente metade das mulheres escravas, tanto em Baependi quanto

GRÁFICO 3

PORCENTAGEM DE CASADOS E VIÚVOS SEGUNDO CONDIÇÃO SOCIAL, SEXO E FAIXAS ETÁRIAS, EM SÃO JOÃO DEL REY



Fonte: Dados originais extraídos de PAIVA (em andamento).

em São João del Rey, serem casadas, o que pode ser considerado um índice notável.

Referências Bibliográficas

- CONRAD, Robert Edgar. *Tumbeiros*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- COSTA, Iraci del Nero da & GUTIÉRREZ, Horacio. Nota sobre casamentos de escravos em São Paulo e Paraná (1830). *História: Questões e Debates*, Curitiba, 5(9):313-321, dez. 1984.
- COSTA, Iraci del Nero da; SLENES, Robert W. & SCHWARTZ, Stuart B. A família escrava em Lorena (1801). *Estudos Econômicos*, São Paulo, IPE-USP, 17(2):245-295, maio/ago. 1987.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. *Alforria em Minas Gerais*. Trabalho apresentado no 5º Encontro Estadual de História de Minas Gerais, Uberlândia, 1986.

- SAMARA, Eni de Mesquita. A família negra no Brasil: escravos e libertos. *Anais da ABEP*, 1988.
———. *A família brasileira*. Coleção Tudo é História, 71, Brasiliense, São Paulo, 1983.
SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de Casamento no Brasil Colonial*. EDUSP, São Paulo, 1984.
SLENES, Robert W. Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava (Campinas, século XIX). *Estudos Econômicos*, São Paulo, IPE-USP, 17(2):217-227, maio/ago. 1987.

Fontes Primárias Manuscritas

- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Mapas de População. Pastas 1-14, Belo Horizonte.
ARQUIVO ECLESIASTICO DA ARQUIDIOCESE. Batismos de filhos de mulheres escravas – Barão de Cocais (1871-1899), código b-24, Mariana.
———. Livro de nascimentos de mulher escrava – Bacalhau (1871-1887), código W-8, Mariana.
———. Batismos de filhos de mulher escrava – Barbacena (1871-1886), código E-7, Mariana.

Fonte Primária Informatizada

- PAIVA, Clotilde Andrade (coordenadora). *População de Minas Gerais no século XIX*. Pesquisa em andamento desenvolvida no CEDEPLAR/FACE/UFMG com financiamento da FINEP.

Fontes Primárias Impressas

- ESCHWEGE, Wilhelm von. Notícias e reflexões estatísticas da província de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, 6:737-762, 1899.
MATOS, Raimundo José da Cunha. *Corografia histórica da Província de Minas Gerais (1837)*. Belo Horizonte/São Paulo, 2 vols., Itatiaia/EDUSP, 1981.
SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.

(Originais recebidos em março de 1988. Revisados pelos autores em julho de 1988).